# As pessoas idosas serão esquecidas novamente na campanha eleitoral?

Conjuntura / 13 de agosto de 2026 / Conjuntura




**Conjuntura | Em 2022, nenhum dos dois principais candidatos à presidência abordou temas específicos para brasileiros com mais de 60 anos em programas eleitorais de rádio e televisão**

**Foto: Arquivo Flávio Dutra/JU, 30/10/2022*

Nas últimas eleições para presidente, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as pessoas idosas – atualmente, também chamadas de 60+ – representaram 21% de todo o eleitorado brasileiro. Ou seja, em 2022, esse público chegava a quase vinte e oito milhões de pessoas, cerca de um quinto dos eleitores aptos a votar. No entanto, nenhum dos dois principais candidatos à presidência da República abordou temas específicos relacionados às pessoas idosas, nos seus programas eleitorais de rádio e de televisão. E isso nos dois turnos da eleição. Importante salientar que ambos trataram sobre temas como saúde, segurança, economia, transporte, infraestrutura e outros assuntos, que também são de interesse do público 60+. Porém, nenhum projeto ou programa específico que tivesse uma centralidade e uma relação direta com as questões da velhice jamais foi mencionado na campanha presidencial de 2022.

As principais candidaturas tiveram quarenta programas eleitorais no primeiro turno e vinte programas eleitorais no segundo turno, totalizando, cada um, sessenta programas de propaganda eleitoral gratuita. Ou seja, ao longo de todo o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, foram exatamente quatrocentos e trinta e um minutos para a exibição de seus programas eleitorais. O equivalente a sete horas e dezoito minutos.

Chama a atenção esse silenciamento, porque o envelhecimento populacional mundial está prestes a se tornar uma das transformações sociais mais significativas do século XXI, com implicações transversais em todos os setores da sociedade. Em todo o mundo, a população com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente do que todos os outros grupos etários mais jovens.  O percentual desse crescimento tem sido de 3%. E, conforme as projeções, o número de idosos no mundo deve dobrar até 2050 e mais do que triplicar até 2100.

> *No Brasil, esse panorama não é diferente. Também para 2050, os estudos mostram que para cada cinco pessoas haverá um 'velho' no país. Com isso, pela primeira vez, haverá mais idosos na população brasileira do que crianças menores de 15 anos. Na realidade, esse silenciamento pode ser considerado um apagamento da velhice. Talvez pelo fato de que as pessoas acima de setenta anos já não sejam obrigadas a votar.*

Assim como as palavras podem veicular diferentes sentidos, dependendo da posição ideológica que ocupa este sujeito que fala, da mesma forma, também existe sentido no silêncio. O silêncio não é o não dito da linguagem. Bem pelo contrário. O silêncio é marcado pelas várias possibilidades de sentidos. Quando determinado sujeito não fala, ou seja, quando ele está em silêncio, o que há não é o vazio, mas sim o pensamento. Portanto, o sujeito que se apoia no silenciamento o utiliza como uma política do sentido. Sendo assim, mesmo que houvesse vinte e milhões de pessoas 60+ no Brasil no período da eleição, em 2022 verificou-se um silenciamento discursivo das pessoas idosas como sujeitos políticos. Consequentemente, um apagamento da velhice.

Nos sessenta programas de propaganda eleitoral gratuita de cada um dos candidatos, o único momento em que houve um interesse maior em relação às pessoas idosas, foi no segundo turno, já próximo à eleição. Um dos candidatos, de um lado, fez um chamamento incentivando as pessoas a levar a avó, a sogra, a tia para votar. Enquanto o adversário argumentou que o comprovante de votação servia como prova de vida para a previdência social.

Como será na eleição de 2026? Em relação àqueles números iniciais, da quantidade de pessoas idosas no país, já se sabe que esses índices aumentaram. E muito. Passamos de 28 milhões de pessoas 60+ para 36 milhões. O que representava 21% do eleitorado brasileiro, hoje atinge a marca de 23,2%. E isso sem falar que o tema da velhice não preocupa apenas as próprias pessoas idosas, mas toda uma rede familiar que está em seu entorno. Ou seja, esquecer e silenciar sobre as pessoas idosas é um equívoco tanto social quanto político.

. . .

**Sérgio Roberto Trein** é professor do curso de Publicidade e Propaganda, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

Periodicamente, profissionais de diversas áreas ligados à UFRGS escrevem sobre economia, política, relações internacionais e outros temas relacionados à conjuntura. A seção tem curadoria de Tatiany Lukrafka.

. . .

**Veja mais conteúdos da coluna Conjuntura**

*As opiniões expressas nos textos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem o posicionamento editorial do JU ou da UFRGS.*

Social Share Buttons and Icons powered by Ultimatelysocial